

## O uso das biografias nas pesquisas antropológicas

Aline Lopes Murillo<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo pretende discutir a respeito da autoridade do narrador na escrita biográfica, mais precisamente nos trabalhos que buscam apresentar a trajetória de outro sujeito, que não o próprio escritor. A biografia tem sido objeto de análise de muitos antropólogos, pois nela existe a possibilidade de compreendermos como os indivíduos se reconhecem e se relacionam dentro da sua própria comunidade. No entanto, as narrativas são carregadas pela subjetividade de quem escreve, ou seja, as experiências, desejos e angústias do escritor direcionam a escrita e influenciam a história. É nessa linha de pensamento que busco fazer uma reflexão crítica sobre as biografias que pretendem apresentar a trajetória de um sujeito.

**Palavras chave:** Narrativa. Biografia. Autoridade etnográfica.

**Abstract:** This article intends to discuss about the authority of the narrator in biographical writing, more precisely in the works that seek to present the trajectory of another subject, not the writer himself. The biography has been the object of analysis of many anthropologists, since it is possible to understand how individuals recognize and interact themselves inner their community. However, the narratives are stuffed by the subjectivity of the writer, in other words, experiences, desires and anxieties of the writer direct and induce the story. It is this trend of thought that I seek to make a critical reflection on the biography they intend to present of the trajectory of a person.

**Keywords:** Narrative. Biography. Ethnographic authority.

### 1. Introdução

*Biographies are purposeful; they select, fashion, and celebrate lives. [...] A life becomes a figure of speech or trope, an instrument that rotates, reverses, and reflects the meaning of the life. (LOLA ROMANUCCI-ROSS, 2001, p. 1174.)*

A biografia é lugar singular para análise da vida de um indivíduo que pertence a uma história social/cultural. Através do estudo de biografias é possível entender o processo pelo qual um sujeito traça sua trajetória e como ele o faz relacionado à sua sociedade e cultura. Giovanni Levi (1996, p.173), afirma que a biografia possibilita responder questionamentos a respeito de “como os indivíduos se definem (conscientemente ou não) em relação ao grupo ou se reconhecem numa classe?”. Para este autor, na literatura existe uma grande gama de esquemas biográficos nos quais o pesquisador pode perceber indícios esparsos dos atos e das palavras do cotidiano.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Goiás. E-mail [alinemurillo@gmail.com](mailto:alinemurillo@gmail.com)

A narrativa da história de vida de uma pessoa pretende apresentar os acontecimentos vivenciados por ela ao longo da vida. A biografia mostra suas experiências, suas relações com outras pessoas, e os desafios pelos quais teve de passar, logo mostra como ela moldou a própria vida sendo pertencente de uma determinada cultura.

Para Suely Kofes (2001) os estudos de histórias de vida possibilitam a compreensão de como os sujeitos sociais se entrecruzam em relações às quais estão ligados e como se constituem como pessoas sociais. No entanto, é necessário ressaltar, que a cultura tem papel imprescindível na formação desse sujeito, pois este molda a sua vida partir dela. De acordo com Marcel Mauss (2007), as pessoas estão intrinsecamente ligadas ao seu personagem social inserido na sociedade que representa a totalidade. Assim, cada indivíduo cumpre uma função dentro do grupo, e a partir daí, ele vai formar a sua noção de “eu”, ou seja, o que ele representa, o que ele é na sociedade em que está inserido.

Quando o escritor narra a trajetória de uma pessoa ele constrói uma história apresentando as relações nas quais ela está envolvida e como ela faz as suas próprias escolhas. Nesse sentido, ao analisar uma biografia é possível perceber como as experiências vividas por um sujeito sugestionam a constituição do seu “eu” enquanto personagem social.

Porém, ao narrar a vida do outro, o escritor inclui no documento as suas próprias experiências, os seus desejos e suas angústias. A narrativa é carregada pela subjetividade de quem a escreve. Com isso, o autor conta a vida de alguém ao mesmo tempo em que transmite as suas escolhas. Trata-se de uma interpretação da história de vida da pessoa biografada. Para James Clifford (1998) a escrita etnográfica não pode ser vista como a legítima representação de uma realidade textualizada, pois ela está carregada pelas nuances contextuais específicas do escritor. Dessa forma podemos afirmar que há o posicionamento do escritor nas narrativas biográficas.

Sendo assim, apresento neste trabalho uma reflexão sobre o uso da biografia como instrumento de análise nos estudos antropológicos. No sentido de que as trajetórias podem representar um *locus* no qual os sujeitos se apresentam inseridos numa configuração social. Em contrapartida, assim como na escrita etnográfica, na escrita biográfica o escritor não consegue apresentar a história de vida de outrem sem excluir da narrativa as suas próprias vivências.

## **2. A biografia como objeto de estudo antropológico**

Pierre Bourdieu define trajetória como

[...] uma série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) em um espaço ele próprio em devir e submetido a transformações incessantes (...) os acontecimentos vivenciados são colocações e deslocamentos no espaço social (BOURDIEU, 1996, P. 81).

Esse *locus* é denominado pelo autor como “espaço de possíveis” e definido como um sistema de referências “que faz com que, mesmo que não se refiram uns aos outros, os criadores contemporâneos estejam objetivamente situados uns em relação aos outros” (ibid., p.54). Assim, Bourdieu defende que as trajetórias se constituem pela série de acontecimentos experienciados pelo biografado dentro de um campo no qual ele age.

Grande parte das biografias busca apresentar as realizações e caminhos percorridos por determinado sujeito dentro de um campo específico no qual ele atua. A biografia do músico Antônio Carlos Jobim, escrita pelo pesquisador Sérgio Cabral (1997), intitulada “Antônio Carlos Jobim: uma biografia”, narra a vida de Jobim entrelaçada à história da bossa nova. Podemos, então, considerar a bossa nova como “espaço possível” onde o sujeito biografado se relacionou e trilhou boa parte de sua vida. De forma parecida, Richard Fardon (2004), em sua obra “Mary Douglas: uma biografia intelectual” relata a trajetória da antropóloga atento a suas vivências dentro do campo da Antropologia.

Ambos os trabalhos não apresentam a vida dos sujeitos em sua totalidade. Os acontecimentos relatados pretendem explicar e complementar as suas experiências no campo específico em que agiram no qual eles exerceram e sofreram influência. Como afirma Clifford Geertz (2002), a vida não se organiza facilmente numa narrativa contínua; as biografias não exibem a vida de alguém por completo, nelas o autor transmite parte das experiências com um objetivo pré-estabelecido. Na mesma linha de raciocínio, Crapanzano (1984) ressalta que o relato biográfico é um texto e não uma vida. Isso significa que uma vida, em toda a sua totalidade, não pode ser escrita em poucos capítulos. A possibilidade está na sua interpretação.

Para David Mandelbaum (1973), os estudos sobre histórias de vida enfatizam as experiências e as necessidades do indivíduo, como a pessoa lida com a sociedade em vez de como a sociedade lida com as pessoas. Sendo assim, as pesquisas sobre biografia são de grande importância para estudos antropológicos, pois apresentam as avaliações subjetivas das vivências do sujeito e apresentam o contexto no qual ele passa suas experiências sociais.

Nesse sentido, ao conhecer a vida de um sujeito podemos perceber a subjetividade envolvida nas suas relações sociais, podemos, também, compreender por que ele escolheu determinados caminhos e os vínculos sociais estabelecidos naquele contexto. De acordo com Giovanni Levi (1996), os estudos de biografia permitem o entendimento da verdadeira amplitude da liberdade de escolha,

a biografia é o campo ideal para verificar o caráter intersticial da liberdade de que dispõem os agentes para observar como funcionam concretamente os sistemas normativos, que jamais estão isentos de contradição (LEVI, 1996, p.180).

Na biografia é possível perceber os deslocamentos de um indivíduo inserido numa sociedade, os quais possibilitam as transformações na sua vida. Pierre Bourdieu salienta que

os acontecimentos biográficos definem-se antes como alocações e como deslocamentos no espaço social, isto é, mais precisamente, nos diferentes estados sucessivos da estrutura da distribuição dos diferentes tipos de capital que estão em jogo no campo considerado (BOURDIEU, 1996, p.82).

A escrita biográfica retrata o contexto em que o indivíduo participa. Nessa perspectiva, a biografia, além de trazer o campo de ação individual, resgata os acontecimentos vivenciados numa dada comunidade. Com isso, ela apresenta os múltiplos aspectos de um contexto social, seus costumes, suas relações de poder, suas transformações. A partir do estudo das histórias de vida é possível compreender a memória da comunidade.

Segundo Maurice Halbwachs (2006), a memória coletiva é constituída através do entrelaçamento entre memória individual e os testemunhos de outras pessoas, assim, a lembrança é construída sobre uma base comum. Os indivíduos estão envolvidos a múltiplas redes de solidariedade, as quais Halbwachs denomina de comunidade afetiva. A memória dessa coletividade está intrínseca à memória individual, esta funciona como facilitador para a compreensão de um passado coletivo. Sendo assim, a história de vida de um sujeito na sua individualidade apresenta, também, os aspectos da memória coletiva. Não é possível dissociar uma da outra.

### **3. A autoridade do narrador ao escrever uma biografia de outro sujeito**

Suely Kofes, em sua tese de livre docência “Uma Trajetória, Em Narrativas”, faz uma análise da trajetória de Consuelo Caiado a partir das narrativas existentes sobre ela. Kofes

afirma que não pode ouvir a história de vida diretamente da pessoa biografada, precisou perseguir “os rastros, tênues no início, mais densos depois” (KOFES, 2001, p.21). Esse tipo de trabalho envolve o que recentemente alguns antropólogos denominam de “etnografia em arquivos”.

Para Olívia Cunha (2004), a etnografia em arquivos etnográficos e pessoais é um aspecto do trabalho antropológico no qual se adota determinados conjuntos documentais como campo de interesse. O arquivo é lugar onde se cristalizam e classificam as memórias sociais e pessoais, nesse sentido ele pode ser entendido como *locus* de reflexão antropológica. Segundo ela,

os arquivos são construções culturais cuja compreensão é fundamental para entendermos como certas narrativas profissionais foram produzidas e como sua invenção resulta de um imenso diálogo envolvendo imaginação e autoridade intelectual (CUNHA, 2004, p.296).

No entanto, ao realizar uma etnografia em escritos biográficos, o antropólogo deve se atentar que o escritor transmite uma *interpretação* da vida do sujeito biografado. Pois, como foi dito anteriormente, a escrita biográfica, assim como a etnográfica, traz em suas entrelinhas todas as experiências, os anseios e os objetivos do escritor. O antropólogo, ao focar sua análise a uma biografia, deve ter em mente que o narrador também insere sua subjetividade ao contar a história de outra pessoa.

Segundo Edward Said (2005), as narrativas escritas são moldadas pelos acontecimentos da época e pela situação que se está vivenciando. Sendo assim, o sentido histórico permite que o escritor escreva consciente de seu lugar no espaço e no tempo. Ao narrar, o escritor transmite todas as suas experiências, assim, seus escritos são influenciados por todos os acontecimentos vivenciados no passado. Nesse sentido, as narrativas biográficas devem ser analisadas relacionando-as ao contexto histórico no qual o escritor está inserido.

De forma semelhante, para James Clifford (1998), a prática etnográfica é alegórica, pois quando o antropólogo vai a campo ele já tem uma questão definida que direciona e influencia a escrita. Para ele, a ênfase na pesquisa de campo recai nos elementos intersubjetivos do encontro etnográfico. Assim, “a estratégia da autoridade de ‘dar voz’ ao outro não é plenamente transcendida” (Idem, p. 55). Ao narrar a vida de uma pessoa, o escritor inclui todas as suas experiências do passado, com isso o leitor elabora uma nova interpretação da história contada. Clifford argumenta que a eficácia do texto em produzir sentido depende mais da interpretação criativa do leitor do que das pretensões do escritor.

Portanto, ao realizar uma etnografia, ou um estudo antropológico em biografias, o pesquisador deve estar atento para a questão da autoridade do escritor ao narrar a história de vida de outro sujeito. Pois, ao relatar a trajetória de um indivíduo o autor transmite, também, as suas próprias experiências, o que resulta numa nova interpretação feita pelo leitor. É relevante, então, conhecer a história de vida de quem escreveu a biografia para uma melhor compreensão dessa construção.

Um bom exemplo deste tipo de trabalho é a biografia da antropóloga Mary Douglas escrita por Richard Fardon. Este realizou uma pesquisa sobre a vida de Douglas e o seu envolvimento com a Antropologia. Para compreender a narrativa é preciso, também, conhecer os motivos que levaram o escritor a percorrer determinado caminho para trilhar a história de vida da biografada.

#### **4. A biografia de Mary Douglas por Richard Fardon**

Ao realizar uma análise sobre a biografia de Mary Douglas escrita por Richard Fardon, foi preciso atentar para a trajetória do próprio escritor, para perceber como ele apresenta essa antropóloga. Fardon foi aluno de Douglas na década de 1970, entrou para o curso de bacharelado em Economia e Antropologia Social, onde, durante os anos de 1972 e 1973 cursou a disciplina “Religião, moral e simbolismo”, ministrada pela antropóloga Mary Douglas. Segundo ele, a partir de então foi possível perceber como raciocinavam os antropólogos: “a disciplina podia dizer respeito a qualquer coisa, porque o importante era a maneira de se abordar um assunto” (FARDON, 2004, p.23). Foi assim que Douglas passou a exercer influência no caminho acadêmico de Richard Fardon.

Em seguida, no outono de 1973, ele continuou os estudos na pós-graduação sob orientação de Mary Douglas. Sua pesquisa abordava um estudo etnográfico das plataformas de petróleo em conjunto com um novo estudo sobre os dele. No entanto, o projeto se perdeu devido a dificuldades de ordem prática. Com isso, em meados de 1976, ele iniciou um trabalho de campo na Nigéria. Mas quando voltou do campo, Fardon ficou decepcionado ao receber a notícia de que Mary Douglas havia deixado o University College.

A partir de então, Fardon perdeu o contato com essa antropóloga. Somente após uma década e meia, ao receber o convite da editora Routledge para escrever a biografia de Douglas, soube que esta apoiou a sugestão de ser ele o escritor de sua vida e forneceu material para a produção. Fardon afirmou que durante o período da redação da obra teve de correr atrás

dos tantos escritos de Douglas, pois, foi nessa época que ela escreveu mais de um terço de toda a sua produção. Segundo Fardon, ele conta com “algumas vantagens para esta tarefa, portanto: a nacionalidade e a classe atual, o conhecimento pessoal, a residência comum em ladeiras vizinhas na Zona Norte de Londres, a experiência de lecionar no University College, na mesma cidade, e a formação em antropologia social, economia e etnografia africana” (Idem, p. 24).

Ao realizar uma etnografia na produção intelectual de Mary Douglas e construir uma escrita sobre esse feito, é necessário lembrar que Richard Fardon faz uma interpretação da história de vida de Douglas. Sendo assim, a escrita etnográfica não pode ser vista como a legítima representação de uma realidade textualizada, ela deve ser percebida como dialógica, pois ela está carregada pelas subjetividades e nuances contextuais específicas de quem escreve (CLIFFORD, 1998). Há sempre o posicionamento do escritor no trabalho, assim, devemos ter em mente a existência da autoridade de Fardon ao narrar a trajetória de Mary Douglas.

Para Clifford, a ênfase na pesquisa de campo recai nos elementos intersubjetivos do encontro etnográfico. Assim, “a estratégia da autoridade de ‘dar voz’ ao outro não é plenamente transcendida” (CLIFFORD, 1998, p. 55). Ao narrar a vida de Mary Douglas, Fardon inclui todas as suas experiências do passado.

## **5. Considerações Finais**

Recentemente os antropólogos têm privilegiado as biografias como campo de análise etnográfica, pois, nelas o pesquisador pode vislumbrar os processos que um indivíduo vivencia ao longo de sua trajetória. É possível conjecturar, também, os mecanismos pelos quais o sujeito se apropria para se relacionar a outros sujeitos e formar a sua noção de “eu”. Além disso, essas narrativas resgatam elementos da constituição de uma memória da comunidade.

Contudo, as biografias, principalmente as que são escritas por outro narrador que não o protagonista, carregam a autoridade daquele que escreve. As escrituras estão entremeadas pelos acontecimentos vivenciados por ele no passado e pelo contexto em que ele está inserido no presente. Assim, a análise das escrituras deve ser feita relacionando-as ao contexto em que o escritor está inserido (SAID, 2005).

Para Lola Romanucci-Ross (2001), as biografias selecionam, modelam e celebram vidas, a vida se torna um discurso figurado. Fardon denomina seu trabalho de biografia intelectual, no qual tenta posicionar a biografia dentro da história da Antropologia Européia. Ele produz uma biografia praticamente completa dos escritos de Mary Douglas e apresenta a maioria de seus comentadores. O estudo biográfico de Fardon sobre Mary Douglas enfatizou as experiências e as produções da antropóloga, e mostrou como ela lidou com os acontecimentos, com as pessoas com as quais teve contato e com a discussão antropológica da época. Com isso, buscou apresentar as apreciações subjetivas das experiências de Douglas apresentando o contexto no qual ela estava inserida.

No entanto, o fato de as biografias serem carregadas pela subjetividade do escritor não exclui os textos biográficos de uma possível análise antropológica. As narrativas biográficas estão inseridas num gênero literário no qual os eventos históricos são inseridos num enredo e num tipo de estória escolhidos pelo escritor, este concede aos acontecimentos uma simbologia. Dessa maneira, Hayden White afirma que há uma produção de sentido performática que ela abre espaço para a subjetividade do escritor tomar acento. A narrativa histórica dramatiza e romanceia os processos históricos indicando que cada cultura possui um sistema de produção de sentido próprio (WHITE, 1991).

## Referências

BOURDIEU, Pierre. Por uma ciência das obras. In: **Razões Práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papyrus, 1996.

CABRAL, Sérgio. **Antônio Carlos Jobim**: uma biografia. Rio de Janeiro: Lumiar Edit, 1997.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica**: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

CRAPANZANO, Vicent. Diálogo. In: **Anuário Antropológico**. p.59-79. 1988.

CUNHA, Olívia Maria Gomes. Tempo imperfeito: uma etnografia no arquivo. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 10, n.02, p. 287-322, out. 2004.

FARDON, Richard. **Mary Douglas**: uma biografia intelectual. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.

GEERTZ, Clifford. **Obras e Vidas**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.



KOFES, Suely. **Uma trajetória, em narrativas**. Campinas: Mercado das Letras, 2001.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina. **Usos e abusos da história oral**. Edt. Fundação Getúlio Vargas, 1996.

MANDELBAUM, David G. The study of life history: Gandhi. **Current Anthropology**, vol.14, June, 1973.

MAUSS, Marcel. Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a de “eu”. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.

ROMANUCCI-ROSS, Lola. Celebrants and the Celebrity: Biography as Trope. In: **American Anthropologist**, Arlington/USA, v. 103, n. 4, december/2001.

SAID, Edward. **Cultura e Imperialismo**. 2ª reimp. São Paulo: Cia das Letras, 2005.

WHITE, Hayden. A Questão da Narrativa na Teoria Contemporânea da História. **RH – Revista da História**, n. 2/3. Primavera, 1991. IFCH/Unicamp. p. 47-89.